



A flora das ilhas estuarinas amazônicas como aroma sustentável na globalização

DERGAN, João Marcelo B¹

“Belém, cidade cheia de cheiros, cores e sabores é uma das portas de entrada da floresta Amazônica. As matas do Cais das Docas são 39 ilhas que abrigam mais de 29 mil pessoas (...) Elas colhem as sementes típicas da ilha como açaí, tucumã, inajá, andiroba, ucuuba, pracaxi (...) Na agricultura, uma plantinha chamada priprioica é fonte de renda para diversas famílias”².

A matéria de jornal recente valoriza um aspecto de Belém, que são as ilhas que cercam e circundam a cidade, relacionadas a coleta e comercialização de sementes e raízes sob a forma de ‘cheiros’ e de cores. Revela aspectos do discurso da valorização e apropriação de saberes e conhecimentos sobre essas espécies vegetais e a flora das ilhas, como as sementes de Açaí- *Euterpe Oleracea*, Andiroba- *Carapa Guianenses*, Pracaxi- *Penta Clethra Macroloba*, Ucuuba- *Virola Surinamenses* e as raízes de Priprioica- *Cyperus Articulatus*, que foram inseridas na cadeia e comercialização internacional, sob a forma de biocosméticos.

A apropriação de sementes e raízes naturais na Amazônia tem ganhado ênfase nos últimos anos em decorrência de um setor em expansão nos mercados regionais, nacionais e internacionais, o chamado setor de produção de essências e biocosméticos.

Mesmo não se tratando de uma prática recente, pois a apropriação faz parte da história da região, desde o período de extração das ‘drogas do sertão’. As dinâmicas vão apontando as relações entre as comunidades extrativistas e as empresas no processo de apropriação e utilização das essências da flora, como sementes e raízes, para a produção de biocosméticos para o mercado.

Eram madeiras, alimentos, frutas, sementes e raízes que foram usadas e significadas dependendo do interesse e envolvimento nas relações sócio-econômicas construídas no processo histórico, que faziam, fizeram e fazem dos detalhes e dos usos e

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Pará-UFPA mdergan@ufpa.br

² Jornal O Globo, caderno Globo Ação, edição do dia 14/04/2012. A notícia informa da existência de 39 ilhas da cidade de Belém, mas de acordo com dados do Anuário Estatístico do Município de Belém atualmente configura-se 43 ilhas pertencentes a Belém, SEGEP, 2010.



significações particularmente locais um imbricado relacionamento aos usos e significações também internacionais, na qual a cidade de Belém recebeu e influenciou esta gama de relações e um pólo dinamizador.

Então, como estão sendo apropriados e significados os conhecimentos referentes as essências contidas nas sementes e raízes da flora estuarina insular amazônica por comunidades e empresas na contemporaneidade?

Nas ilhas de Belém, moradores (as) ilhéus, governos e empresas fizeram, refizeram, fazem e refazem entre contradições e complementaridades na longa duração da modernidade, os usos e percepções sobre as sementes de açaí, andiroba, pracaxi, ucuuba, e as raízes de priprioca, com apropriações dos conhecimentos elaborados e aplicados sobre esta flora colorida e cheirosa insular estuarina da cidade, como parte do discurso da sustentabilidade e da globalização na atualidade.

1- As ilhas estuarianas amazônicas no mercado mundial

“Da mata para o laboratório sem agredir o meio ambiente. É assim que a Beraca e Natura, transformam sementes em ativos para a indústria de **cosméticos** em mais de 40 países. A comunidade da ilha de Cotijuba em 2002 iniciou sua parceria com a Natura, pelo ativo Priprioca.”³

Esta matéria chamou nossa atenção e iniciamos uma investigação constatando que há empresas como a Natura, a Beraca, a Óleos Vegetais da Amazônia que vem estabelecendo relações comerciais nacionais e internacionais com os ilhéus para aquisição de produtos da flora, através de moradores (as) de algumas ilhas próximas de Belém, com a finalidade de obter insumos para a industrialização e produção de diversos produtos, dentre os quais se destacam os biocosméticos.

³ Revista Pequenas Empresas, Grandes Negócios, reportagem ‘Empresa transforma frutos e sementes em insumos para cosméticos’, edição de 13/04/2013.



Os ilhéus estabeleceram e continuam a estabelecer comércio dos produtos naturais cultivados e/ou sob a forma de extrativismos e coletas, como ocorre com as sementes e raízes, com a cidade de Belém.

Os usos e percepções da flora das ilhas estuarinas, das naturezas que elas continham e representavam, tem sentidos diferentes da atualidade e também tem continuidades históricas que nos deram possibilidades de visualizar esses sentidos de outrora que construímos para explicar as relações sócio-econômicas no estuário insular, para a compreensão e inferências na atualidade.

Com cuidado para não parecer arbitrário, ao tratar do ambientalismo e da crítica ambiental em meados do século XVIII e início do XIX, Pádua (2002) analisa os primeiros críticos ambientais luso-brasileiros. O autor chama a atenção, logo no início da obra, que:

não se trata de ignorar as enormes diferenças históricas que separam o século XVIII e o século XXI. Mas também não é correto, ao meu ver, estabelecer uma barreira intransponível entre os pensamentos, práticas e instituições de ambos os períodos. Existe uma continuidade histórica entre os macroprocessos em curso no final do XVIII, tanto em termos subjetivos quanto objetivos, e a constituição do mundo contemporâneo. E o que se está discutindo aqui, de fato, é o aparecimento da crítica ambiental no universo da modernidade⁴.

Ao entender a ciência moderna como a busca incessante da dominação racional da natureza, nos diversos aspectos, como os sociais e econômicos, aparece uma eminente crítica a um tipo de utilização da natureza como vinculada ao atraso civilizatório e ao progresso econômico, temas fundamentais que embasam também essas críticas.

Os usos e significados das práticas de trabalho dados a flora estuarina insular apresentam uma construção contínua e descontínua, nosso foco aqui, pois é pelo ‘uso real’ que se pode perceber a construção do mundo, e ainda que pareça muitas vezes

⁴ PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 39.



como uma construção harmônica, essa relação é também controversa, pois nos sentidos e significados atribuídos a natureza há a personificação das coisas e dos homens⁵.

Esta leitura permitiu compreender que no processo de produção do conhecimento histórico, as relações que se estabeleceram no passado são tomadas não como a realidade única e condutora do conhecimento, mas como processos que são apropriados e reapropriados pelas relações que se estabelecem no presente e ainda assim o passado não se esvai, mas serve de parâmetro da construção do real.

As diversas espécies da flora estuarina insular foram usadas e percebidas de diversas maneiras. Elas já eram usadas como cheiros, perfumes, velas, sabão pelos comuns das ilhas e também passavam a ser comercializadas em cadeia mundial sob outras formas.

Houve a tentativa e intervenção oficial nos espaços considerados incultos e com uma natureza que necessitava ser dominada para o bem da cidade e da cultura, esses espaços eram os ‘arredores’, ou ‘arrabaldes’ e ‘ribeiras’ da cidade, ou seja, o estuário insular.

No lado fronteiro às ribeiras, que ficam descritas, jaz uma turva de ilhas de vária grandeza abastecidas de arvoredo (...) que se denominam Tatuoca, Cotijuba, Jutuba, Paquetá-Mirim, Urubuoca, Paquetá-Assu, Patos, Arapiranga, Mucuras, Fortim, Jararacas e Onças; algumas destas ilhas tem moradores (...) e dentro de seus igarapés, onde tem molinotes e outros estabelecimentos agrários⁶.

Os diversos usos das ilhas, denominadas de “Contorno Marítimo no Rosto da Cidade” serviu a cidade com olarias, engenho de descascar arroz e com espécies vegetais como a xiriuba, anani, piriprioca, cumaru, salsarana, pracaxi, juncos, tabuas, entre outras, nas quais a fragrância “enche de suavidade o olfato”⁷.

Anani: Árvore grande da orla dos rios. É produtora de breu, aromático, e serve na construção náutica sendo amarelo, cujo leite é da mesma cor
Cumaru: Árvore retilínea e alta, que produz uma fava muito aromática encerrada em um pequeno ouriço. O tronco tem uso na construção náutica
Piriprioca: junco, que tem a raiz cheirosa e que também serve para remédio

⁵ WILLIAMS, Raymond. *Op. Cit.*, p. 31. PÁDUA, José Augusto. *Op. Cit.*, p. 32. PÁDUA, José Augusto(org). *Ecologia e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; IUPERJ, 1987.

⁶ BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Compendio das Eras da Provincia do Pará*. Belém: UFPA, 2004, p. 216.

⁷ *Ibidem. Idem*, p. 217.



Salsarana: cipó veludoso, cuja raiz é aromática Xiriuba: Árvore, de cujo lenho...fazem boa lexivia para sabão⁸.

Nas penas do autor podemos reler que as espécies vegetais tinham diversos usos, dependendo da situação em relação a metrópole, como o caso de algumas árvores usadas pelos comuns como remédios, perfumes de cheiros, sabão, e que ao mesmo tempo serviam a construção náutica a metrópole.

As abundantes raízes e ervas da várzea estuarina insular, como o anani, a pipiririoca, o pau de breu, entre outros, serviam para muitas utilidades, como remédios e que ‘tinham a raiz cheirosa’, utilizados pelos comuns e ‘pobres’ que habitavam as ilhas.

Ocorre que a flora estuarina insular fazia parte das experiências de trocas e do desenvolvimento da cultura da agricultura pelo viés oficial da metrópole, mas também existiam os sujeitos comuns que moravam nesses espaço, fora do sistema oficial, e que estabeleciam relações por entre as possibilidades do sistema oficial, seja de doações de terras como as sesmarias⁹, ou ao cultivo de produtos a serem fornecidos pelos oficialmente reconhecidos, num movimento de produção no vai e vem estuarino insular.

As ilhas e o estuário insular também se faziam de rotas e esconderijos dos desgarrados e mocambos.

Nas penas de Baena (2004) e Barão do Marajó (1883), as ações dos ‘comuns’ são excluídas, classificadas como desprovidas de organização e lógica racional, como na intensificação de mocambos nos arredores de Belém, bem como o fluxo de suas principais rotas, incluindo as ilhas.

(...) sobre a força e numero de mocambos em torno da cidade e pede força armada para os desbaratar (...) um no igarapé de Una (...), outro nas vertentes do rio Mauari (...), atravessando a pé o sitio do Pinheiro, vem sair ás ilhas (...), vindo ao Guamá se reúnem com os negros fugitivos.¹⁰

⁸ Ibidem, *Idem*, p 56/57.

⁹ CASTRO, Edna. *Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais*. Papers do NAEA, nº97. UFPA: NAEA, 1998. CASTRO, Edna. “Sesmeiros no Rio Bujaru: Cartas de data nos séculos XVII e XIX”. 2005. In: Cd Rom *Quilombolas do Pará*. Belém-PA: NAEA/UFPA, 2005.

¹⁰ BAENA. *Op. Cit*, p. 217.



Baena (2004) cita que certa vez “*desembrenhou das matas vizinhas certo numero de homens boscarejos*”,¹¹ havendo, portanto, a necessidade do “*jugo da razão e da justiça*”¹².

Desvelar a construção dos usos e significados dados a flora estuarina insular requer rever o olhar oficial que não reconheceu a existência da dinâmica social. Desta maneira atribuímos história as gentes e terras não considerados na lógica oficial, revelando o “encoberto” pelas representações oficiais.

Além das madeiras que serviram a exportação e controle da metrópole, “exportavam-se também madeiras de lei, óleos de tartaruga e peixe – que se misturavam com o breu na construção naval -, animais vivos, peles e penas de vários animais e pássaros, estopas, cordagem, graxas, óleos e “drogas”, isto é, plantas e essências medicinais, especiarias aromáticas, resinas, gomas, ceras, corantes”¹³.

Mas no processo interativo de usos da flora estuarina insular, as diversas espécies vegetais conhecidas como as Aningas, Abutua, Apii, Jutahi, Murumuru, Mangue, Piripirioca, entre outras, foram usadas pelos comuns e simples nas ilhas, mas também com crédito por parte de oficiais, seja nas raízes cheirosas, seja como remédios, benzeduras e arte de cura.

Uma das curandeiras e benzedeira com um grande número de clientes entre os quais se tinha governadores, tesoureiros e ouvidores, foi a mulher dos arrabaldes chamada de Sabina, que rezava orações, sabia curar quebrantos, que se aproximava do enfermo sem lhe por a mão e o benzia com folhas da murumuru ou piripirioca com ela no ar, formando uma cruz, voltada para o corpo do paciente¹⁴.

Estas espécies eram recolhidas no Grão Pará e em outras capitânicas, como a mando do conde de Arcos na Bahia ou do bispo no Pará e iam acompanhados de pareceres elaborados pelos físicos-mores das capitânicas e destinavam-se a ser

¹¹Ibdem, *idem* p. 257.

¹² Ibidem, *Idem*, p. 258.

¹³ DEAN, Warren. *A Botânica e a Política Imperial: Introdução e Adaptação de Plantas no Brasil Colonial e Imperial*. São Paulo: IEA/USP, 1989, p. 03.

¹⁴ Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão Pará (1763-1769), Texto Inédito e apresentação de José Roberto do Amaral Lapa, Petrópolis, Vozes, 1978, p. 171.



experimentados nos enfermos do Hospital Real Militar de Lisboa, sob a forma de xaropes, banhos, decocções, cozeduras ou emplastos¹⁵.

As ervas, espécies vegetais comuns no XVIII, e exóticas do ponto de vista dos oficiais além mar, faziam parte da região estuarina insular da cidade e fez parte de um contexto que a unilateralidade da dominação não foi o único viés, uma vez que no Grão Pará e no Brasil “foram transferidos para Goa o mamão, a mandioca, a pitanga e o caju, e para a África a mandioca, o cará e a batata-doce”¹⁶.

Nas dialéticas de tempos é que se construíram formas de viver, de explorar e de perceber a flora estuarina insular de maneiras diferentes, que fazem parte do mesmo processo e que ocorreu a reafirmação e rearticulação das ‘costas dos rios, das matas e ilhas’ para a cidade e da ‘cidade para os rios, matas e ilhas’¹⁷, pois as florestas e a flora também variam em relação aos sentidos e usos atribuídos.

2- A Flora, a sensação e os cheiros:

No decorrer dos séculos XVIII, mas principalmente no XIX, a Amazônia brasileira foi percurso de viajantes europeus.

Havia busca da cientificidade, sem desconsiderar as sensações, como categorização da natureza no contexto, pois as viagens estavam pautadas para a sistematização dos dados observados na natureza, como flora, fauna, terra, gentes e costumes, para a elaboração de leis com valor universal e para estabelecer-se nos quadros de uma História Natural e sistêmica, construída desde o século XVIII e em curso no século XIX, como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência.

¹⁵ Ofício do conde de Galveias ao conde de Arcos, de 28 de julho de 1813, II-33-21-104, Biblioteca Nacional/RJ; Ofício do conde de Galveias ao bispo do Pará para se indagar da farmacopéia indígena a aplicar no Hospital Real Militar da Corte, de 28 de julho de 1813, 7-4-82, Biblioteca Nacional/RJ.

¹⁶ DEAN, Warren. *A Botânica e a Política Imperial: Introdução e Adaptação de Plantas no Brasil Colonial e Imperial*. São Paulo: IEA/USP, 1989, p. 04.

¹⁷ ACEVEDO MARIN, R. E.; CHAVES, E. Imagens de Belém, paradoxo da modernidade e cultura na Amazônia, In: XIMENES, T (Org.). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para a Amazônia XXI*. Belém: NAEA, 1997.



Mesmo com um olhar cientificista e do ponto de vista de *'fora'* em relação ao todo, diferente da perspectiva de quem vive e mora nesses lugares, Spix e Martius foram reelaborando na própria viagem essa forma de deslumbramento em ver as ilhas, expressando junto a isso outros sentidos contraditórios, mas congruentes, num “misto de admiração e espanto”¹⁸ ao realizarem algumas incursões específicas pelos rios, matas e ilhas estuarinas, como na ilha das Onças.

Na ilha das Onças, descreveu o processo de cultivo da cana, do arroz, do milho, dos aromas, dos óleos e rícinos de sementes, algumas exportadas, na fazenda da família Faria.

Percorremos as ilhas e suas fronteiras (...) na ilha das onças visitamos a opulenta fazenda da família Faria (...) cultiva-se cana de açúcar, com alambiques feitos na Inglaterra (...) O arroz dá com rapidez, mas planta-se outra e para descascá-lo há um moinho movido a água (...) o milho distingue-se pela enormidade das espigas e grãos (...) haver aqui em abundância os óleos e rícinos, de andiroba, de gergelim (...) mesmo das aromas utilizam nas espécies de zelo em natureza (...) dos sobejos assim também são exportados¹⁹.

Havia na ilha a utilização da natureza em produtos, incluindo óleos, aromas e sementes também para a exportação.

Com olhar oficial da cientificidade tão ao gosto da metrópole, Spix e Martius relataram os usos das sementes e óleos também para realização de sabão, como uma prática comum no estuário insular.

“(...) o sebo dos óleos e das sementes é empregado para sabão”²⁰.

Ao observar esse uso comum, critica a falta de eficaz e viável uso da natureza para o progresso, como uma ‘economia da natureza’.

“Tudo aqui tem o cunho da fartura, mas da incúria nos negócios (...) quando em Países menos favorecidos, a tarefa do lavrador é desenvolver a produção das terras, aqui se limita a colher a tempo, guardar e empregar a fartura da produção”²¹.

¹⁸ Ibidem, Idem, p. 53.

¹⁹ Ibidem, Idem, p. 52.

²⁰ Ibidem, Idem, p. 52.

²¹ Ibidem, Idem, p. 52.



A visão dos viajantes naturalista, da ciência da época e do pensamento oficial, estabeleceram-se na base que “a dinâmica da natureza poderia e deveria ser decifrada pelo conhecimento científico e pela experimentação consciente. A degradação do território derivava da utilização de práticas tecnológicas e sociais rudimentares”²² dos comuns que não sabiam utilizar o natural, sendo um dos responsáveis pelo atraso da metrópole, onde “a destruição do ambiente natural não era entendida como um ‘preço do progresso’, como na visão hoje dominante, mas sim como ‘um preço do atraso’”²³

Ainda relatada como cultura para incremento oficial da metrópole, a natureza tinha muito o oferecer se devidamente explorada e utilizada sob esse ponto de vista, e mesmo que já houvesse incentivo de exportação de produtos como algodão, arroz, atanados, gengibre, conforme registrados pela Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, havia também os produtos das sementes para óleos e breus como “das amêndoas extraía-se finíssimo óleo, como a manteiga de cacau, a qual nunca cria ranço, é um excelente cosmético, e torna a cútis doce e polida, sem deixar nada de gordura e luzimento”²⁴.

Parece haver diante da utilização da natureza, a preocupação e cuidados também na relação com o corpo e a pele.

Corbin (1989, 2008) materializa sensorialmente que de uma maneira geral no século XIX pareceu ocorrer um novo regime de sensorialidade ao mesmo tempo que se revelam pequenos indícios e vestígios evanescentes, sem quase testemunhos disso, de uma experiência quase indescritível também com novos cuidados com o corpo.

Houve as reminiscências e pequenas buscas de um novo cuidado com o corpo, com a pele, ao mesmo tempo que se elucida que a natureza deveria ser cuidadosamente elaborada para isso. Não podemos esquecer que neste mesmo período Lineu estabelecia uma escala científica de gradação dos seres e da natureza, incluindo os odores.

A paisagem também se compõe, como bem enfatizou Schama (1996), como mensagens olfativas da cidade em relação com as águas e matas, como parte dessa paisagem. Assim, parece que os cheiros, além do interesse que ganha nas classificações

²² PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de destruição; pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 13.

²³ *Idem. Ibidem.* p. 13.

²⁴ Inácio Acioli de Cerqueira e Silva, *Op. Cit.*, 1883.



científicas, tem uma peculiaridade na cidade de Belém e no estuário, que dependia de muitos pontos de vistas.

Os cheiros, aromas e as espécies da flora estuarina insular eram trocadas e comercializadas na margem da continentalidade da cidade, na baía do Guajará, nas quais alguns aromas, ervas, sementes e vegetais eram comumente utilizados em forma de sabão, espécies de cheiros, águas e perfumes e também como remédios.

3-Natureza e Cultura dos cheiros

Foi no final do XIX, em 1897, que foram realizadas obras de instalação do Mercado de Ferro (Mercado de Peixe) e no início do XX, em 1901, ocorreu a inauguração do Mercado Francisco Bolonha (Mercado de Carne) e do Mercado de Ferro, pelo intendente Antonio Lemos em Belém, entre os espaços da feira do Ver-o-Peso. Havia no projeto a possibilidade de concessão de um local determinado as ‘erveiras e perfumeiras’ da cidade. As obras de reforma foram inspiradas na arquitetura da Belle Époque, como uma Paris n’América.

Durante a cientificidade do XIX foi revelada a descoberta das estruturas das moléculas, incluindo as que exalavam odor e consideradas perfumadas, ocorreu também no final sua posterior síntese. Na Belle Époque a perfumaria e aromas também ganharam ênfase. Em 1900, perfumes ganharam espaço pela primeira vez na Exposição Internacional de Artes Decorativas, evento ocorrido em Paris, com visitantes de muitos Países da Europa. Fragrâncias contendo “patchuli, heliotrópio, almíscar e baunilha criavam uma atmosfera”²⁵.

Com a chegada do século XX, Paris se faz modelo de burguesia para as cidades. Na famosa Exposição Internacional das Artes Decorativas e das Indústrias Modernas, realizada nesta cidade no início do XX, em 1925, a perfumaria francesa foi ligada à moda e apareceu como um universo com possibilidades contínuas. Porém, Em 1921, o

²⁵ KALIL FILHO, Antonio Nascim e outros. Conservação de germoplasma de plantas aromáticas e medicinais da Amazônia brasileira para uso humano. Revista da Embrapa, *relatório técnico*, n50, 2000, p 01-04.



perfumista Ernest Beuax apresenta à estilista Coco Chanel, em Paris, algumas fragrâncias, entre as quais ela escolhe uma para associar à sua grife. Batizada de Chanel nº 5, tendo como uma de suas matérias-primas a essência do pau-rosa amazônico.

A domesticação do natural pelo civilizado faz parte do processo de modernidade da sociedade, na qual a ciência, a técnica, o econômico devem utilizar-se do natural de forma apropriada. As feiras internacionais mostravam para o mundo os diversos produtos naturais importantes para o progresso civilizatório e econômico dos lugares.

Muitos produtos e espécies vegetais considerados importantes e fundamentais no Grão Pará e para a metrópole portuguesa, na qual foram inclusive enviadas a exposição pela comissão do Pará a metrópole, faziam parte também da flora estuarina insular.

No reino vegetal é tal a sua riqueza que é impossível enumerar sem transformar este trabalho em uma Flora Amazonica; (...) a escolhida coleção organizada e enviada á exposição pela comissão do Pará a variedades além de muitas outras. O algodão, o annil, a baunilha, a cana de assucar, a castanha, o oleo de eupahia, o cravo, o cumarú, o oleo de rícino, a salsa parrilha, o guaraná, o gergelim, o tabaco, a estopa, a piassaba, a sumauma, o puxuri, e as fibras vegetaes, em numero espantoso de variedades, oferecndo todas as resistências e cores, e indo desde a áspera *embira* até o *curauá* tão fino como a seda; breus e resinas de diferentes espécies, oleos variados uns siceativos outros não, e alguns podendo obter-se em quantidades quase incalculáveis como o de andiroba, substancias gordas como a que se obtem da ucuuba, de que se fazem vellas competindo com as outras, podendo com um tal producto carregar- se muitos navios, marfim vegetal, ucuba e pracaxi, mas e finalmente gomma elástica, que quase por si só constitui a riqueza do Pará , e é origem de sua prosperidade²⁶.

Algumas das espécies eram tidas como importantes, como a goma elástica no final do XIX, contudo muitas delas foram consideradas em função da experiência dos comuns e também dos ilhéus, como a ucuba, o pracaxi, e óleos, resinas e raízes cheirosas que foram enviadas pela comissão do Pará, e ainda que não considerados como parte principal da renda da metrópole, nas estrelinhas e digamos residualmente fizeram parte da amostra. Então, sem está exposto que essas espécies, sementes e raízes eram o produto principal, o seu uso era comum e parte do estuário insular.

²⁶ ABREU, José Coelho da Gama. *A Amazonia : as provincias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*, 1883, p.25.



A história ambiental possibilitou a compreensão da interação entre os diversos usos e significados dados a flora estuarina insular como um processo de construção dos ilhéus no tempo e a “...particular atenção: 1) a idéia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural (...); 2) a revolução dos marcos cronológicos da compreensão do mundo; 3) a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo”²⁷

Como paradoxo, a natureza amazônica e o estuário insular não mais se investiam de imensa desumanidade, mas tinha a busca do pitoresco no lugar da ciência e do anfiteatro da vida, num palco natural que a flora estava e era personagem, que se faziam presentes na formação, conquista, ocupação das terras e que podiam ser controlados pela urbe e pelo moderno imperialismo, incluindo os cheiros, odores e essências desta exuberante e dominada flora insular.

Então produzir, utilizar e sentir os cheiros das essências das raízes e sementes da flora estuarina insular nos bioprodutos nos devolve a nossa própria natureza de pertencimento ao planeta, nos devolve a sensação de sermos humanos naturalmente, ainda que esta também seja mais uma criação cultural no mundo moderno e na globalização contemporânea.

A aproximação com os ‘cheiros naturais’ dos biocosméticos produzidos das essências das sementes e raízes da flora estuarina insular nos devolve a sensação de estarmos mergulhados ou envolvidos genuinamente na nossa plena natureza biológica, como se pudéssemos ter estado fora dela algum tempo²⁸.

Ao mesmo tempo não é qualquer natureza, pois não sentimos os problemas que a quantidade excessiva das essências poderiam nos trazer e também não é considerado tão natural quanto às sementes e raízes por si só, mas tratadas e cuidadas para serem consideradas convenientes e sentidas como natureza na cultura nos cheiros.

Diferente, em certo sentido, dos perfumes de ervas e raízes das ervaíças do Ver-o-Peso ou dos realizados manualmente pelos comuns das ilhas, que ainda que traga a

²⁷ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: *Estudos Avançados*. Dossiê teorias socioambientais. Vol. 24, N 68, São Paulo, 2010, p. 13.

²⁸ Sem esquecer que também estamos formando e sendo formados pela interação bio-sócio-cultural, conforme: Maturana, H.R. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*, SP: Palas Athena, 2001.



natureza, muitas vezes é vista como excessiva, mesmo que “uma cultura não cheire melhor ou pior que outra, apenas diferente”²⁹.

A cultura na natureza ou a natureza na cultura na produção de biocosméticos na Amazônia guarda relação com as próprias concepções de cultura e natureza que acionamos na rede de relações na mundialização e na globalização contemporânea.

4- As empresas, as comunidades e os cosméticos amazônicos:

Quanto ao beneficiamento industrial, até o ano de 2000 a única empresa produtora era a Brasmazon.

Ao adquirir as sementes e/ou o óleo bruto as empresas Beraca e Natura o beneficiam para retirar as impurezas (resíduos sólidos da extração) e fazer o controle de qualidade.

Neste processo são monitoradas e avaliadas os parâmetros de viscosidade, índice de umidade, de acidez e etc. Após o refinamento e dentro dos padrões de qualidade os insumos passam a ter dois destinos:

Até 2012 era encaminhado para a fábrica em São Paulo para exportação. A partir daí é transformado em produtos finais como sabonetes, óleos de banho. Esta demanda aumentou nos últimos 15 anos : ano 2000 10%, ano 2005-18%, ano 2010-23%, ano 2014: 30 % (Relatório financeiro Natura/ 2014).

As Sementes e raízes são também vendidas aos atravessadores ou as empresas Beraca e Natura. Os atravessadores realizam a venda aos varejistas: farmácias, drogarias, lojas, erveiras das feiras, principalmente do Ver-o-Peso.

Nas empresas há a produção de insumos e beneficiado, produtos acabados (sabonetes, óleos, etc) e exportação para indústrias farmacêuticas e cosméticas. O principal mercado consumidor é o europeu, especialmente o Alemão, que já adquiri o produto.

²⁹ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1992, p. 44.



O mercado americano impõe exigências e restrições e barreiras fitossanitárias, laudos científicos, e isto aumentam o custo do produto, daí a tentativa de implantação da loja da natura neste País, em 2013, ainda não ter se efetivado totalmente.

Houve a experiência da Extrativa-Extratos Vegetais Ativos Ltda., incubada pela PIEBT/UFPA em 1999, que em 2002 já produzia insumos utilizados na indústria cosmética (Relatório PIEBT/UFPA, 2004). A produção de extratos vegetais e insumos tinham foco no açaí, pau d'arco, pracaxi, entre outros.

Mais que respostas para compreender as relações que ilhéus estabelecem com as empresas para comercialização de sementes e raízes da flora das ilhas, e as alterações, mudanças, novidades e usos 'esquecidos' ou 'lembrados' pelos próprios ilhéus e pelas empresas neste processo, construído na longa duração, não está determinado por ela, mas aberto ao próprio jogo de tempo passado-presente.

Tomar banho de cheiro com as plantas aromáticas vendidas no Ver o Peso e também usadas nas ilhas estuarinas próximas de Belém, faz parte dos costumes dos comuns no Pará, especialmente na época de festas juninas e no final de ano.

No estuário, 'o patchouli', raiz que compõe os cheiros do Pará, devido a sua dinâmica ecológica, botânica, como em alguns lugares da Índia e também como na ilha do Combu e em Acará, o teor de biciclovetivenol e de kusimol contribuem para o odor característico da raiz³⁰. As raízes são utilizadas após secagem, como aromatizador³¹. Também em infusão com outras ervas, sementes e raízes para perfumes e para compor o 'cheiro cheiroso do Pará'³².

³⁰ LIMA, G.M. et.al. Phytochemical screening, antinociceptive and anti-inflammatory activities of *Chrysopogon zizanooides* essential oil. *Rev. Bras. Farmacogn*, v 22, p.443-450, 2012.

³¹ RODRIGUES, R.M. *A Flora da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1986.

³² OLIVEIRA, J. et. al. Espécies vegetais produtoras de fibras utilizadas por comunidades amazônicas. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica*, v. 7, n 2, p. 393-428, 1991.



Na década de 1980, foram registradas 352 espécies aromáticas, distribuídas em 63 famílias botânicas, que ocorrem na forma silvestre ou que são cultivadas na Amazônia, incluindo as nativas, exóticas ou aclimatadas³³.

Mas foi somente aproximadamente duas décadas depois, em 2009, que estudos químicos caracterizaram a composição química de óleos de 339 espécies aromáticas que ocorrem na Amazônia³⁴.

A priprioica (*Cyperus articulatus* L. var *nodusus*), a priprioquinha (*Cyperus rotundus* L.) e o priprioção (*Cyperus prolixus* Kunth) são espécies da família Cyperaceae, cujas raízes são constituídas por tubérculos endurecidos, arredondados ou elipsóides, perfumados, e que depois de secos tornam-se amadeirados.

Dentre as três espécies, a priprioica é a mais comercializada, por apresentar odor e amadramento mais acentuado e a preponderante em espaços estuarinos insulares, como nas proximidades de Belém³⁵, sendo utilizada nos banhos, saches e perfumes. É comercializada em maços ou acondicionada em paneiros. O fornecimento dessa espécie é efetuado tanto para o complexo do Ver-o peso como para a indústria de perfumes e cosméticos e para fabricantes de perfumes artesanais.

Na ilha de cotijuba a priprioica é cultivada em leiras de 50mx1,20m com adubação orgânica (cama de aviário), constituída por palha de arroz e fezes de galinha

Desde a coleta das sementes e raízes até a produção dos biocosméticos há tempos sociais múltiplos atuando nesse processo, mesmo que na coleta haja a predominância de um tempo embutido do passado no presente em função do aprendizado que as comunidades das ilhas tiveram para lidar com a natureza e a flora das ilhas, neste caso as sementes e raízes.

³³ BERG, M.E. Van. Den.; SILVA, M. H. SILVA, M. G. *Plantas aromáticas da Amazônia*. In: Simpósio do Trópico Úmido Flora e Floresta, vol 1, Anais, Belém: EMBRAPA, 1986. P. 95-109.

³⁴ MAIA, J. G. S.; ANDRADE, E. H. A. Database of the Amazon aromatic plants and their essential oils. *Quím. Nova*, v. 32, 2009, p. 595-622.

³⁵ SILVA, et. al. Brotação de tubérculos de priprioica (*Cyperus articulatus* L. var *nodusus*) em diferentes substratos. In: POTIGUARA, R. C. V.; ZOGHBI, M. G. B. (org.). *Priprioica: um recurso aromático no Pará*. Belém: MPEG/UEPA, 2008. P. 13-24.



Há também um tempo que se atualiza no tipo de sementes e raízes que são coletadas e reorganizadas especificamente para as empresas, como a Natura e a Beraca. Nessas empresas, há o tempo que é mercantil que é relacionado a própria especificidade do tipo de produto que é interessante para a sociedade como um todo e para o mercado consumidor dos bioprodutos e biocosméticos.

Inspirados em Thompson (2008) podemos observar que há múltiplos tempos no próprio processo de produção dos biocosméticos, como tempo passado-presente que se cruzam na utilização da natureza/ambiente das ilhas estuarinas amazônicas.

Elaboramos a narrativa ambiental para entendimento das construções das interações sócio-econômicas e ecológicas entre ilhéus e empresas, no detalhe de usos e significações de sementes e raízes da flora estuarina diante das mudanças na atualidade pois “*a natureza e a cultura mudam o tempo todo, mas a velocidade e a escala dessas mudanças podem variar enormemente*”³⁶.

A perspectiva da história ambiental permitiu perceber que as relações de trabalho se fazem entre os interesses dos envolvidos, neste caso empresas e ilhéus, e também nos interesses sobre a flora, sementes e raízes típicas da várzea do estuário insular, como uma valorização da floresta e sua conservação no discurso da sustentabilidade global na atualidade.

No final do XX e início do XXI o desenvolvimento de pesquisas sobre os produtos naturais e sua composição vem avançando também na Amazônia.

Estudos específicos da área da Farmácia e da Biologia³⁷ demonstram que as essências podem ser mais bem aproveitadas dependendo do tipo de sementes e raízes e

³⁶ CRONON, *Op. Cit.*, p. 12.

³⁷ ALMEIDA, Samuel Soares. As pripiocas: seus aromas e suas estruturas. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, Vol. 5, n. 1. Belém, jan-abril, 2010. POTIGUARA, R. C. V. e ZOGHBI, M. G. B. *Pripioca: um recurso aromático do Pará*. Belem: MPEG, UEPA, 2008. GARCIA, L. C.; SOUZA, S. G. A.; LIMA, R. B. M. Seleção de matrizes, coleta e manejo de sementes florestais nativas da Amazônia. In: *Documentos*, n. 89, EMBRAPA, Manaus, 2011. SHANLEY, Patrícia. *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica*. Belém: CIFOR, IMAZON, 2005. PESCE, C. *Oleaginosas da Amazônia*. 2 ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. Entre outros. Para informações consultar a Rede Ibero-Americana de Estudo e Aproveitamento Sustentável da Biodiversidade Regional de Interesse Farmacêutico-RIBIOFAR/CNPQ. In: <http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/159>.



de como estas são tratadas, coletadas, armazenadas e cuidadas. A composição química deve ser considerada para tal feito.

Os ambientes foram formados na interação dos seres ao longo do tempo. Assim, se os ecossistemas nos cosmos e no planeta são formados pelas forças interativas entre os seres que o fazem, incluindo o Homem, os cosméticos sob forma de bioprodutos, elaborados pelas essências da flora da várzea estuarina insular da cidade também se fazem nestas forças.

O valor no mercado desses produtos tem implicações na organização das comunidades e se dão também em função dessas organizações, mas são majoritariamente estabelecidos em função da detenção de biotecnologia por parte das empresas, mas há outros valores relacionados ao ambiente em questão.

Para as comunidades o principal valor é relacionado às suas vidas e a manutenção dos ecossistemas e espaços em que vivem. Manifestam associativamente que pretendem viver e manter seus espaços, mesmo com os contratos com as empresas. Chegarão a ver o que querem e sonham? Consequências das histórias que constroem e construímos no mundo global.